

VISÃO DE D. IZABEL DE OLI-
VEIRA GALVÃO E LUTA COM O
DEMÔNIO QUATRO VÊZES





VISÃO DE D. ZANEL DE OLI-
VEIRA ENQUANTO E LUTA COM O
DEMONÍACO QUATRO VÊZES



Handwritten:
M M
1927
12

ROMANCE DA VIDA DE DONA
IZABEL DE OLIVEIRA GALVÃO

Escrito por ela

— 1 —

Agora determinei
A fazer a narração
Contar aqui um passado
Sem exageração
Peço para os leitores
Prestar bem atenção.

— 2 —

Sempre lutei com a sorte
Sem dela ter rancor
Porem sempre ao contrário
A sorte me acompanhou
Então para o sofrimento
Foi que ela me dotou.

— 3 —

Com a idade de 18 anos
Resolvi a me casar
Pensava que o casamento
Fosse uma auriola sem par
Agora aqui eu cancelo
Para a história narrar.

— 4 —

De todos meus sofrimentos
Faço aqui uma retórica
Suportei com paciência
Como mulher católica
O que mais me fez sofrer
Foi a arte diabólica.

— 5 —

Corria o ano de 52
Estava longe de pensar
Que era uma época
De cumprir o meu penar
Da forma que aconteceu
Eu agora vou contar.

— 6 —

Foi a 7 de dezembro
Faço declaração
Quando a bondade de Deus
Teve de mim compaixão
Deu-me então um aviso
Por meio de uma visão.

— 7 —

Acordei a meia noite
Quando ví clarear
VÍ as nuvens se unirem
E depois se separar
VÍ sair muito relampago
VÍ depois tudo acalmar.

— 8 —

Quando cessou o relampago
VÍ uma mão pousar
VÍ então umas vozes
Por cima da cabeça passar
E o que as vozes disseram
Agora vou declarar.

Outrossim, caros leitores
Vou suspender a narração
Para contar a tristeza
Que dominava o coração
Quando eu ia a Igreja
Fazer minha adoração.

Diante do Sacrário
Eu ia me ajoelhar
Era grande a tristeza
Que fazia me dominar
Descia as lágrimas aos borbotão
Meu consolo era chorar.

Eu pedia a Deus
Que me quizesse valer
Me desse resignação
Do que ia me suceder
E as palavras da visão
Eu agora vou dizer.

A mão do Altíssimo
Ouví a voz declarar:
Eis aí a significação de tuas lágrimas
E ví a mão baixar
Quando de subito senti
Os meus cabelos puxar.

Todo o meu corpo estremeceu
Fiquei como suspensa no ar
Meu marido acendeu a luz
Ele não fez demorar
Passei a visão a contar.

Não teve duvida meu esposo
Tudo ele acreditou
Peguei no meu terço
Junto comigo rezou
Desse dia em diante
O sofrimento redobrou.

Tendo passado alguns dias
Uma forte tentação
De espirito diabólico
Era uma perseguição
Quatro vezes seguido
Eu lutei com o cão.

Com uma furia selvagem
Ele vinha p'ra me agarrar
Eu gritava por Jesus
Ele não podia me tocar
Vendo que não conseguia
Resolvia se retirar.

— 17 —

De toda forma o Demônio
Tentou me dominar
Então mudou de aspecto
Para puder me pegar
Isso pela terceira vez
Mas não tentou me agarrar.

— 18 —

Quando olhei para o cão
Uma raiva se apoderou
Dentro do meu coração
O ódio então se gerou
Vai-te embora diabo !!!
Aí o demônio avançou.

— 19 —

Avançou em cima de mim
Como para me agarrar
Porem não conseguiu
VÍ suas mãos rebolar
Uma coisa em cima de mim
Que eu não pude encher gar.

— 20 —

Estava naquela agonia
Dei um grito e me acordei
Julio, acenda a luz
Porque com medo fiquei
Ele acendeu a luz
E dessa forma me expressei.

— 21 —

Eu disse para meu marido
Escute o que vou contar
Da fôrma que o Demônio
Vinha me atentar
E da forma que êle pôde
O feitiço me jogar.

— 22 —

Alguns dias depois
Era forte a sensação .
Era uma quentura no corpo
Oh! que tamanha aflição
Uma bisourada na cabeça
Era medonha a confusão.

— 23 —

Nunca pensei ser feitiço
Para mim era ilusão
Esse negocio de feitiço
Eu não acreditava não
Recorri a medicina
Porem tudo foi em vão.

— 24 —

E tive a visão a 7 de dezembro
E a nove minha mãe faleceu
E a sete de abril
Nova visão me apareceu
Entre dormindo e acordada
Vou contar como se deu

— 25 —

Sonhei que ia para o Acre
Fui uma velha avistando
Com um terço na mão e gemendo
A ela fui saudando
O coração de Jesus te acompanhe
E por ela fui passando.

— 26 —

Ela passou por mim
Eu em pé fiquei olhando
Ela disse Deus te abençoi
Quando foi se retirando
Pronunciou outra palavra
Quando eu fui me acordando.

— 27 —

Sua mãe! Ouví a vóz soar !!
Eu aí me levantei
Fui meu rosário rezar
Oferecí para a alma de minha mãe
Para ela se salvar
Oferecí mais orações
Aí fui me deitar.

— 28 —

Já estava nessa data
Em grande sofrimento
Deus! Tem piedade de mim
Já me sinto sem alento.
De súbito quando me veio
Uma idéia no pensamento.

Pedí a Deus que me desse
A sua proteção
Se minha mãe achou graça diante de vóz
Tende de mim compaixão
Minha mãe pede a Deus para que
Eu seja livre de tamanha aflicção.

Fiz a prece e adormeci
E dormindo sonhei
Com uma panela cheia de barro
Com meu retrato no meio
Um pé de urtiga plantado em cima
A sonhar continuei.

Tambem uma vela acesa
Depois comecei a vomitar
Vomitei tanta coisa
Que me fez admirar
Onde vomitei dois Bisouros
Triste ficava a pensar.

Vomitei um objeto
Que declarar eu não sei
Saía tanta coisa do corpo
Não conheci mais notei
Depois que sonhei tudo isso
Aí me acordei.

Quando me acordei
Comecei a imaginar
Isso só sendo feitiço
Que mandaram me botar
Nisso peguei no sono
Tornei de novo sonhar.

Ví que chegava uma pessoa
Como quem dá um roteiro
Sentava uma placa de duas cores
Como ponto certo
Preto para a vizinha
E branco para o macumbeiro.

Tinha uma casa de batuque
Bem em frente da minha
Justamente de luto estava
Essa minha visinha
Por fora pele de ovelha
E por dentro uma lobinha.

Mirei aquela placa
Desapareceu e eu acordei
E passei a refletir
Porem não suportei
Me encontrei com ela
E dessa forma falei.

A senhora mandou me botar feitiço!
Ela fez tudo para negar
Disse que eu era mentirosa
E não podia provar
Quem me disse não mente
Estou pronta para sustentar.

Elas então se juntarem
Fizeram uma romaria
Foram dar parte de mim
Lá na delegacia
O delegado mandou-me chamar
E perguntou-me o que havia

Então Dona Izabel!
Que é que a senhora está fazendo
Insultando estas mulheres
Ele foi logo me dizendo
Ouví estas palavras
E fui logo respondendo.

Absolutamente, senhor delegado!
Respondi dessa maneira
O que eu disse para elas
Que eram bruxas feitiçeras
Se falo altivamente
É por ser palavras verdadeiras.

— 41 —

Perguntou-me o delegado
Se eu podia provar
Eu disse foi feito oculto
Mas tinha testemunha ocular
E essa testemunha era Deus
Que nada se pode ocultar.

— 42 —

Então quem lhe disse foi Deus?
Eu não posso acreditar
Que Deus não descia do céu
Para comigo falar
Assim nessas condições
Eu não podia provar

— 43 —

Eu disse Sr. delegado
Segundo os planos meus
O que é impossível para o homem
É possível para Deus
O delegado ficou pensando
Calculando os planos seus.

— 44 —

Vendo então o delegado
Que nada podia fazer
Nós levou para a Central
Para lá se resolver
Eu agora vou contar
O que me veio suceder

— 45 —

Chegando na Central
Lá não foi cousa pouca
Contei a mesma história
Que quase ficava rouca
Então eles disseram
Que eu estava louca.

— 46 —

Então eles me levaram
Para o doutor examinar
O Dr. disse que eu estava boa
Não precisava receitar
Eles pegaram um papel
Deram ao doutor para assinar.

— 47 —

Eles pegaram o papel
Como quem estava concio
Logo que o doutor saiu
Botaram em exercício
Dizendo que eu estava louca
Me mandaram para o hospício.

— 48 —

Aqui faço uma pausa
Quero dar declaração
Que na noite anterior
Eu tinha tido outra visão
Da forma que eu ví
Vou dar a explicação.

Eu fui dormir quando deu-me
Vontade de fazer penitencia
Levantei-me orei a Deus
Como mandava a consciência
Quem não quizer acreditar
É porque não tem experiencia.

— 50 —

Assim que me deitei
VÍ na vista clarear
VÍ o céu com as estrelas
E ví relampiar
Quando sumiu o relampago
VÍ um carro passar.

— 51 —

Era todo fechado
O carro que ví passar
Eu não conheci o carro
Fiquei a imaginar
Meu Deus! será algum carro
Que nós irá atropelar?

— 52 —

A grande bondade de Deus
Eu não posso agradecer
O carro parecia da polícia
Eu não pude conhecer
Só no caminho do hospício
É que eu pude compreender.

Era caso de policia
Mas não tive compreensão.
Só no caminho do hospício
É que me lembrei da visão
Se não me veio na lembrança
Eu tinha feito questão.
Era triste minha situação.

Eu quiz me opor
Quando me veio na lembrança
Que Deus mostrou-me a visão
Era para mim ter confiança
Eu então me comportei
E fiquei na esperança.

Embora resignada
Me apertava o coração
Entrei no meio dos doidos
Era grande a admiração
Exclamavam! Não é doida
E diziam é um peixão!!

Ninguém da família
Sabia onde eu estava
Com confiança em Deus
Alguem de casa eu esperava
Quando meu marido soube
Então ele lá chegava.

A enfermeira entrou
E foi me avisar
Que meu marido estava aí
E passamos a conversar
Ficou tudo acertado
No outro dia ir me buscar.

A quarta vez que o Demônio
Vinha a obra completar
Avançando para mim
Com furia para me pegar
Da forma que se passou
Eu agora vou contar.

A última vez que o Demônio
Veio onde eu estava
Meu marido é testemunha
Pois viu o que se passava
Me chamava eu respondia
Porem não lhe declarava.

O que era que comigo
Estava se passando
Eu via sempre uma mulher
Atraz de mim me olhando
Assim a luta com o demônio
Ia continuando.

— 61 —

No auge do desespero
Vou contar o que sucedeu
Quanto era agonia
E o desespero meu
Gritei pelo Arcânjo São Miguel
Nisso um homem apareceu.

— 62 —

Com o dedo em riste
Para o demônio apontou
O demônio quando viu
Deu um pulo e se espantou
Correu todo agachado
E nunca mais voltou.

— 63 —

Quando o meu sofrimento
Peiorava dia a dia
Ninguém acreditava
Em nada que eu dizia
Elevava meu pensamento
A Deus e a Virgem Maria.

— 64 —

Quando a quentura aumentava
Eu só faltava correr
Se danava a besourada
Oh! meu Deus que padecer
Vela indiana e o cigarro "Aza"
Era quem vinha me valer.

Eu tinha uma grande
Mercearia arrojada
Quando eu me lembro disso
Fico desconsolada
A macumba botou abaixo
Levado pela vizinha malvada.

Iam as cousas nesse pé
Quando eu soube da noticia
Que o macumbeiro foi preso
Pelo delegado de policia
Que na delegacia tocou fogo
Em toda sua malícia.

Deu-lhe mais uma bôa sóva
E botou-lhe no xadrez
Por sua perversidade
E ficar mais cortêz
E deu-lhe um prejuizo que êle
Chorou mais de uma vez.

Encontraram meu retrato
Numa panela guizado
Encontraram uma vela acêsa
E um pé de urtiga plantado
O que eu disse na polícia
Foi tudo confirmado.

Eu então determinei
Como era natural
Ir falar com o delegado
Fui bater lá na Central
Falei a verdade ou não
Ele disse a senhora é a tal

E fiquei toda chagada
E era forte a humilhação
Acompanhada de insultos
Parecia uma maldição
Só Deus é sabedor
De minha grande aflição.

Sem saber o que fizesse
Ficava triste a pensar
Pedia a Deus que desse
Jeito para me curar
Orando a Deus ele mostrou
Aonde eu podia me tratar.

Assim vagando na rua
Entabolei conversação
Dizendo que estava enfeitçada
Me deram informação
Que tinha uma mulher que curava
Segui na direção.

Chegando lá bati palma
E fiz declaração
Que tinha ido lá
Que me deram informação
Então lá declarei
A minha situação.

Minha cara senhora
Vou lhe falar a verdade
Eu mesmo não sei de nada
Mas Deus é pai de bondade
Tenha fé na Virgem Maria
E na Santíssima Trindade.

Que com ajuda de Deus
Tudo pode se realizar
Pois o dom que eu tenho
Só Deus pode tirar
Porque foi dado por ele
Eu não posso ocultar.

Assim meus caros leitores
São palavras verdadeiras
Se hoje me acho curada
Graças a Deus e a dona Antonia das
Palmeiras
Pois o meu sofrimento
Não era brincadeira.

— 77 —

Que Deus lhe dê muitas luzes
E muitas felicidades
Muitos anos de vida
E muita prosperidade
Pois dela recebi
Fineza e muita bondade.

— 78 —

Tambem quero agradecer
Com muita satisfação
Ao tenente Rivaldo
Com a sua resolução
Pois achei tanta vantagem
Na sua coragem e disposição.

— 79 —

Pois o tenente Rivaldo
Devia ser premiado
Com uma medalha de ouro
Pelo Governo do Estado
Pois tem merecimento
Pelos serviços prestado.

— 80 —

Ao digno Governador
Por ser honesto e honrado
Proteja a dona Antonia
Que sempre esteve ao seu lado
Que Deus sempre lhe proteja
Como Governador do Estado.

— 81 —

Desculpe caros amigos
Se não está corretamente
Pois não tenho saber
E não sou muito eloquente
Apenas o que possuo
É ser um pouco inteligente.

— 82 —

Aqui vou findar
Essa fraca narração
Só disse o que foi verdade
Sem haver exceção
Elevo meu pensamento
Izabel Oliveira Galvão.

— 83 —

Nesses versos dou provas
O que está escrito é verdade
Só conto o que foi passado
Falo com sinceridade
Nessas palavras descrevo
Toda perversidade.

CHULA

— 84 —

Minha gente venham vê
Macumbeiro no cacêtéte
Minha gente venham vê
O tenente pintou o sete.

— 85 —

Minha gente venham vê
Não é casa de formiga

— 86 —

É o retrato de Dona Bela
De baixo de um pé de urtiga.
Minha gente venham vê
Estou falando com franqueza

— 87 —

Alem do pé de urtiga
Ainda mais uma vela acêsa,
Minha gente venham vê
Uma coisa real

— 88 —

A macumbeira pegou fogo
No posto policial.
Minha gente venham vê
O tenente entrou em jogo
E no posto policial
A macumbeira pegou fogo.

FIM



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA